



De mãos, amor, esperança...

Andréa Muraro¹

*Passei os dedos cegos pelas estelas
Vi o nome verdadeiro*

O livro de Paula Tavares, a julgar pelo título, *Manual para amantes desesperados*², nos coloca diante de que tipo de poesia? Quem pensar em uma resposta das mais triviais, se enganará; já que outros livros da poeta angolana tais como *Ritos de passagem* (1985), *O Lago da Lua* (1999), *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001) e *Ex-votos* (2003) apontaram e concretizaram uma poética que obtém alimento adequado para realizar-se: o tempo, não o do *cronos*, mas o banhado de *topos*.

Ao procurarmos em qualquer dicionário dados sobre o título, teremos: *manual* é um pequeno livro que contém noções essenciais sobre alguma ciência, para quem sabe tocar com as mãos; indicará também a palavra *amante* como quem ama e *desesperado* como quem perde a esperança... . Contudo, o plano da adjetivação indica o *para* da nomeação; um convite ao manuseio e às leituras múltiplas. Somos lançados ao tempo de uma areia finíssima, uma ampulheta, escorrendo pelas páginas.

Diante da epígrafe, como se estivéssemos ao pé de um *torii*, um portal oriental por abrir-se em advertência e delicadeza — há um provérbio *umbundu*: “Um cesto faz-se de muitos fios” e um trecho de outro angolano David Mestre: “Estende o corpo sobre a duna / e deixa /

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP. E-mail: a.muraro@uol.com.br

² TAVARES, Ana Paula. *Manual para amantes desesperados*. Lisboa: Caminho, 2007.

que as penínsulas se inundem do vinho / que esmaguei / nas montanhas da memória...". Um dito e um poema trazem por si só as marcas da mobilidade vocalizada, da palavra tateada de Paula Tavares: um vem pela voz, o outro pela escrita, ambos no esteio da memória.

Na primeira página, somos apresentados ao elemento-corpo desta obra: o deserto, como "um ser que se percorre cegamente, sem perceber o divino escondido (...) é coração, o lugar da vida interiorizada, (...) eremítica, (...) imagem da solidão"³, acolhidos para uma 'conversa [que] percorrerá oásis / os lábios a sede" e sob conselho sussurrado "Quando saíres / Deixa encostadas / As portas do Kalahari" (p.9), partimos de um *topos* em que a obra mostra-se aberta e partilhada: "Mantém a tua mão / no rigor das dunas / andar no arame / não é próprio de desertos."

Os poemas, descortinados em equilíbrio sonoro de versos curtos, indicam um caminho hipotético — "pode ser que me encontres" (p.10) —, o que nos conduz são signos de areia: plantas rasteiras, vento, febre, ardência, escaravelho, sangue das virgens, sede, salvação... e eis o eco do título — aos desesperados, aos sem esperança "no corpo as gotas da salvação / Na exacta medida da tua sede", promessas de quem tece em segredo "de seda e areia" (p.11). No mais, os amantes — "Eu em ti / tu em mim / O deserto à volta" (p.12), lembram-nos cenas shakespearianas: "Dormias / Enquanto cantava a rola / o cuco e o bem-te-vi" (p.13), sem deixar as marcas africanas: "Dormias / Enquanto duas vacas / Pariam no curral", "Quando a hiena entrou no cercado / Levou o cabrito pequeno / E partiu a cabaça dos sacrifícios." Cabe nesta obra o vôo do universal e a tradição do chão, sem exotismos, sem fórmulas petrificadas.

Como sabem seus leitores, nas curvas dos versos de Paula Tavares, há marcas profundas de erotismo encenado em rebeldia e ternura: "Devia olhar o rei / Mas foi o escravo que chegou / Para me semear o corpo de erva rasteira // O escravo era novo / Tinha o corpo

³ CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 331-2.

perfeito / As mãos feitas para a taça dos meus seios // Devia olhar o rei / Mas baixei a cabeça / Doce terna / Diante do escravo” (p.14); nesse diálogo, corpo e paisagem se espreitam, corpo torna-se paisagem, paisagem entorna palavra, da parte pelo todo: “Deixa as mãos cegas / Aprender a ler o meu corpo/ Que eu ofereço vales / curvas de rio / óleos // Deixa as mãos cegas / Descer o rio / Por montes e vales (...) Nas tuas mãos / sentia / dobra do vento / febre” (p. 15-6).

Este corpo-texto busca o amante, aquele que ama conhece: “reconheço a tua voz / no lume das dunas / clara grave / com um leve travo amargo / entre as vogais // simples / palavra a palavra dita // a tua voz é a floresta galeria / na terra vermelha do corpo.” (p.17), procura a forma de “um mapa estranho” em versos viscerais com “grito surdo da fêmea” e “palavras da louca”, caminha entre “as escarificações as cicatrizes”, são dores do corpo amado, ‘silêncio/os gritos em feixe”(p.24-6) espalhados nas dunas.

O *topos* itinerante — como exemplifica o trecho *Livro das Viagens (cadernos de Fabro)*, é anunciado desta forma: “De onde eu venho / sou visitada pelas águas do meio-dia / quando o silêncio se transforma / para as doces palavras do sal em flor / e das raparigas”, o que mostra uma estética de travessia pelas dunas da memória: pontuada pelo silêncio, pelo interdito e dito — “lentas mulheres preparam a farinha / e cada gesto funda /o mundo todos os dias / há velhas mulheres pousadas sobre a tarde / enquanto a palavra / salta o muro e volta com um sorriso tímido de dentes e sol.” (p.19) e: “pedras antigas / gastas das mãos das mulheres / que inventam a farinha de levedar / os dias” (p.20). Desta maneira, a simultaneidade dos gestos reiterados no cotidiano marcam e “perdem-se noutros lugares do tempo”, “como se fosse agora como se fosse sempre” (p.21), na fraturada pontuação que os versos sugestionam.

Fundamental é salientar a confluência de vozes, como na *Fala do velho*, na *Fala da velha*, retomada do universo poético de Paula Tavares, que aqui tateia os ciclos da vida em painéis imagéticos contínuos, sobrepostos: “verbos / soltos então pelo chão onde as crianças pousam

/ seus pés de leite e sono” (p.20). Tais imagens, representativas de sua poética são retomadas de obras anteriores, como em *O lago da lua*: “enquanto as crianças dormem / seus pequenos sonhos de leite” e em *Ex-votos*: “Cansada de voar pássaros / à boca do vento”, assim neste *Manual*: “Ficam os sonhos a voar / pássaros na boca do vento” (p.27).

Então, neste constante refazer-se do projeto literário, a autora repensa o próprio código na contemporaneidade angolana, inscrito em seu signo maior — o feminino, fundado em Muari, em todas as mulheres como uma, como a primeira na sua diversidade circular, repetindo o gesto, evocando esperança. Delicadamente, como tudo que é feito à mão, fecha o livro como quem “devagarinho [fecha] as portas” (p.37), no vagar do deserto de Segalen — espelho de areia — ‘telhado de vidro’ desta memória escorregadia, desvelando segredos: “nome da vida / tempo” (p.16).

TAVARES, Ana Paula. *Manual para amantes desesperados*. Lisboa: Caminho, 2007.